

Cruz dista de Rinópolis 50 quilômetros; Tupã dista de Rinópolis 42 km.; e Rinópolis dista de Penápolis e de Birigui mais de 50 quilômetros. Qualquer cidade que rodeia Rinópolis dista nada menos de 40 quilômetros. É impossível para qualquer estudante que termina o curso secundário em Rinópolis frequentar colégio em qualquer outra cidade vizinha, pela distância e mesmo pela despesa que as viagens diárias de ida e volta acarretariam, sem falar na impossibilidade que teriam as cidades vizinhas de acomodar esses estudantes. De mais a mais cabe ao Governo dar o número necessário de escolas para o povo.

O SR. MURILLO DE SOUSA REIS — Então veja V. Exa., nobre deputado Fernando Mauro, que a distância entre Oswaldo Cruz e Rinópolis é de 50 quilômetros, e diz o Sr. Governador: "Note-se, também, que a cidade de Rinópolis dista poucos quilômetros de Oswaldo Cruz, onde existe colégio oficial, podendo os interessados frequentá-lo, valendo-se dos recursos financeiros para transporte de alunos a cargo do Estado". Veja V. Exa., como é difícil apresentar uma argumentação, argumentação que não convence, argumentação falha. Mas V. Exa., nobre deputado Fernando Mauro, estranhou a ausência do deputado e diz mesma que muitas vezes o deputado não defende a sua propositura que é controlado à distância pelos Campos Elísios. É verdade. Os Campos Elísios tem uma força extraordinária, a força de corromper. Nesta Casa já tivemos muitos deputados a votarem contra o seu projeto, aceitando um voto a esse mesmo projeto. Não tem, pelo menos, a onibridade de, nesta tribuna, defenderem suas proposições. Por que? Porque recebem ordens dos Campos Elísios para votar contra seus próprios projetos e sacrificam, como diz muito bem o nobre deputado Fernando Mauro, sacrificam o Município que deu a sua votação. Mas o Sr. Governador alega que não tem número suficiente de alunos para funcionar a escola, mas por certo há número suficiente para ir buscar os votos para se eleger.

O SR. PRESIDENTE — Nobre deputado Murillo de Sousa Reis, restam dois minutos de tempo a V. Exa.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador.) Nobre deputado, V. Exa. acaba de fazer uma afirmativa muito grave, de que o Palácio dos Campos Elísios, na pessoa, é claro, dos seus governantes, tem a facilidade de corromper. Eu pediria, então, a V. Exa., que citasse nomes. Precisamos acabar com essas acusações generalizadas. Cite aqui o nome do deputado, um sequer, que tenha sido corrompido pelo Governo do Sr. Carvalho Pinto ou pelo Governador Adhemar de Barros. É necessário que V. Exa. afirme, é necessário que V. Exa. declare qual é o deputado. Só assim V. Exa. engrandecerá essa tribuna. Mas acusações generalizadas, ofendendo esta própria Casa, ofendendo a todos nós, inclusive a V. Exa., longe de engrandecê-lo como magnífico parlamentar que é, deslustra essa tribuna. Faça isso, nobre deputado. Diga o nome de um apenas que tenha sido corrompido, que tenha recebido, efetivamente, qualquer proposta do Sr. Governador Adhemar de Barros ou outro governador anterior. Sabe V. Exa. que fui oposição nesta Casa, tão ferrenho como V. Exa. talvez, e jamais recebi do Sr. Governador Carvalho Pinto qualquer proposta. Aqui permanecemos, durante 4 anos, nobre deputado, e V. Exa. nos via sentados à direita, na oposição ao Governo Carvalho Pinto, com dignidade e jamais recebemos de S. Exa. qualquer proposta. Desafio V. Exa. que cite qualquer deputado da oposição nesta Casa que tenha recebido de S. Exa. o Sr. Governador qualquer proposta de corrupção.

O Sr. Fernando Mauro — V. Exa. permite um aparte?

O SR. MURILLO DE SOUSA REIS — Permita-me V. Exa. que eu responda ao nobre deputado Orlando Zancaner.

O Sr. Fernando Mauro — É um aparte oportuno.

O SR. MURILLO DE SOUSA REIS — Tem o aparte V. Exa.

O Sr. Fernando Mauro — No meu entender, o nobre deputado Orlando Zancaner acha que corrupção é apenas em dinheiro. Mas é a pressão política, são as vantagens políticas.

(São dados apartes anti-regimentais).

O Sr. Presidente faz soar a campainha

O SR. MURILLO SOUSA REIS — O nobre deputado Orlando Zancaner entendeu que a corrupção só vem através do dinheiro. Mas ela vem através dos favores, dos benefícios. Percebendo o poder de corrupção nesta Casa é que eu pretendi instalar aqui o voto secreto para os vetos, para que eles fossem apreciados e votados obedecendo à consciência dos srs. deputados.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. permite um aparte?

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Ninguém tem coragem de votar contra veto quando se tratasse de dar escolas a São Paulo. Mas os deputados, principalmente os que estão atrelados aos Campos Elísios...

O Sr. Orlando Zancaner — Sou um dos que defendem nesta Casa esse ponto de vista.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Se V. Exa. solicitar aparte, eu o concederei.

(O Sr. Presidente faz soar a campainha).

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. permite um aparte?

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Com prazer, nobre deputado.

O Sr. Orlando Zancaner — Fui o mais ardoroso defensor da votação secreta do veto. E V. Exa. sabe disso.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — É verdade.

O Sr. Orlando Zancaner — Manifestei essa minha opinião nesta Casa, inúmeras vezes.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Mas é verdade também que V. Exa. negou assinatura para convocação de sessões extraordinárias.

(Tumulto. O Sr. Presidente faz soar fortemente a campainha).

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. há de permitir que eu termine meu pensamento. Neguei minha assinatura apenas a uma sessão secreta, a uma sessão extraordinária. Continuo com meu ponto de vista. No projeto que V. Exa. assinou, grande parte de sua estrutura tinha a minha colaboração.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — É verdade.

O Sr. Orlando Zancaner — E me permito dizer de público: ainda sou favorável. E, no instante em que este projeto vier a Plenário, para ser votado, V. Exa. me terá ao seu lado.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Congratulo-me com V. Exa.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. sabe que não sou homem que tenha tomado atitudes das quais me possa envergonhar. Tenho dado toda a minha colaboração a este projeto, colaboração efetiva, como V. Exa. sabe. Neste instante, volto a afirmar, de público: meu voto é favorável ao voto secreto, pelas razões que já expendi, de que somente assim será possível aos Srs. deputados votarem sem aquela preocupação, sem aquela corrupção...

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Sem a corrupção. Confessa V. Exa., sem a corrupção.

O Sr. Fernando Mauro — Confessa, sem a corrupção.

O Sr. Orlando Zancaner — Não será gritando que V. Exa. conseguirá convencer-me. Será com fatos e argumentos.

O SR. PRESIDENTE (Fazendo soar a campainha) — O tempo do nobre orador está esgotado. Está inserido, a seguir, o nobre deputado Fernando Mauro, que está com a palavra.

O SR. FERNANDO MAURO (Para reclamação) — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, cedo meu tempo ao nobre deputado Murillo Sousa Reis.

O SR. PRESIDENTE — Está com a palavra o nobre deputado Murillo Sousa Reis, por cessão do nobre deputado Fernando Mauro.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Inicialmente, quero agradecer a amabilidade do nobre deputado Fernando Mauro pela cessão de seu tempo, para que eu possa continuar a expender desta tribuna o meu ponto de vista com relação ao veto apostado pelo Sr. Governador ao Projeto de lei n.º 631.

É verdade o que o nobre deputado Orlando Zancaner acaba de afirmar. Entretanto, há um detalhe importante, que não quero deixar passar despercebido: durante o tempo do governo do Professor Carvalho Pinto, o P.S.P. era favorável ao voto secreto para os vetos. Mas, depois que mudou o governo, assumindo o Sr. Adhemar de Barros, o P.S.P. se fechou, não dando mais assinaturas para a convocação de sessões extraordinárias.

O Sr. Fernando Mauro — V. Exa. permite um aparte?

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. permite um novo aparte?

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Está com o aparte o nobre deputado Fernando Mauro, que o solicitara anteriormente a V. Exa.

O Sr. Fernando Mauro — Nobre deputado, eu prefiro que o nobre deputado Orlando Zancaner dê o aparte, porque desejo contraditá-lo. A própria consciência trai o nobre deputado Orlando Zancaner e eu quero provar que existe o tacão do Executivo neste Plenário, permanentemente.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Ve o nobre deputado Orlando Zancaner que o deputado Fernando Mauro lhe presta uma homenagem, cedendo-lhe a vez do aparte.

O Sr. Orlando Zancaner — Nobre deputado, faço parte de um partido político, sou membro de uma bancada. Evidentemente, V. Exa. há de admitir que não sendo eu líder da bancada, não posso orientá-la no sentido da votação de determinados projetos. Volto a afirmar que sou favorável à aprovação do projeto de resolução 6, para que os vetos sejam votados nesta Casa em votação secreta. V. Exa. tem a minha palavra, que eu sempre soube honrar e dignificar.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Vejam os Srs. deputados que con-

fissão solene e dramática do nobre deputado Orlando Zancaner. S. Exa. diz que é ardoroso defensor do projeto que estabelece votação secreta para os vetos.

O Sr. Orlando Zancaner — Não estou defendendo com ardor, mas comunicando que V. Exa. terá o meu voto favorável ao projeto. Dai a diferença com ardor vai grande diferença.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Não lhe concedi o aparte.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. não pode afirmar uma coisa que eu não disse.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — V. Exa. é um cavalheiro, um gentleman e deve medir com mais cuidado os seus verbos, sem ofender o deputado que está na tribuna.

O Sr. Orlando Zancaner — Não ofendi.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Não dei o aparte a V. Exa.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. acaba de fazer uma afirmativa que não é verdade.

O SR. PRESIDENTE — A Presidência solicita ao nobre deputado Orlando Zancaner que solicite o aparte.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — V. Exa. disse que eu não sei o que estou falando.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. não entendeu o que eu disse.

O SR. PRESIDENTE — Nobre deputado Orlando Zancaner, o deputado que está na tribuna resolveu que não lhe concederá os apartes. A Presidência solicita a V. Exa. que não perturbe o orador que está na tribuna.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Nobre deputado Orlando Zancaner...

O Sr. Orlando Zancaner — Se V. Exa. não quer que eu dê o aparte não cite o meu nome.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — V. Exa. disse que não sei o que falo.

O Sr. Orlando Zancaner — Não disse isso. O nobre deputado Mendonça Falcão está ao meu lado e pode confirmar o que eu disse.

O SR. PRESIDENTE — Nobre deputado Orlando Zancaner, a Presidência lembra a V. Exa. que os apartes devem ser solicitados.

— (É dado um aparte sem solicitação. O Sr. Presidente faz soar a campainha).

O SR. PRESIDENTE — A Presidência determina à Taquigrafia que não registre os apartes não solicitados.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Sr. Presidente, forneça um Regimento ao nobre deputado Orlando Zancaner, para que ele saiba respeitar o Regimento.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. nunca o leu.

— (O Sr. Presidente faz soar novamente a campainha).

O SR. MURILLO SOUSA REIS — O nobre deputado Orlando Zancaner foi traído, há poucos instantes, pela própria consciência, pois disse que achava necessário que esta Casa apreciasse os vetos em votação secreta. Por que? Porque entendia S. Exa., como entendo eu, que o poder de corrupção dos Campos Elísios sobre esta Casa é inevitável, é autêntico. Com o voto secreto na votação dos vetos não se tiraria o direito de uma cidade como esta, Rinópolis, de ter a sua escola. O deputado não votaria contra a criação da escola, não aceitaria o veto. E se nós votássemos a criação da escola, o Sr. Baleeiro não poderia formar a sua escolinha na televisão, para gente rica, porque os pobres não têm televisão.

O Sr. Arruda Castanho — Tem, porque compra a prestação.

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa., nobre deputado Murillo, nem sabe quantas televisões existem no Estado.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Não me provoque, nobre deputado V. Exa. talvez seja um privilegiado, pode ter sua televisão e seus filhinhos ali aprendendo o Padre Nosso do Baleeiro, que tem a alma mais negra do que o piche.

Mas o pobre não pode, o filho do pobre não pode, porque pobre não tem televisão, não ganha dinheiro suficiente para isso, pobre ganha salário de miséria, o filho do pobre vai à escola pública, porque não paga.

O Sr. Orlando Zancaner — (Com assentimento do orador) — Tenho notado realmente a sua grande preocupação, nesta Casa, pelos menos favorecidos da sorte. Quantos e quantos discursos V. Exa. tem feito aqui, na defesa intransigente dos direitos dos menos favorecidos. Existem inúmeros discursos nos nossos Anais, que permitem ter uma idéia da sua preocupação pelos problemas sociais da minha cidade, da minha terra. Nunca, nobre deputado, não existe sequer um discurso de V. Exa. que tenha aquele calor, calor tão humano, que deve sentir o homem que se preocupa com os problemas dos mais necessitados.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Aqui está um...

O Sr. Orlando Zancaner — V. Exa. vem a esta Casa com uma finalidade, inutilizar, ofender, caluniar determinadas criaturas. V. Exa., dessa tribuna, todas as vezes, todas as horas, parte para as ofensas pessoais. É tão preocupado está com isso que muitas vezes coloca na boca de seus próprios companheiros palavras que significariam ofensas a V. Exa. também, quando isso não é verdade. Não houve ofensa à sua pessoa. V. Exa. se preocupa muito com o que dizemos, mas não se preocupa com o que diz, quando ofende, quando ataca, quando desmoraliza, sem base absolutamente nenhuma. V. Exa. pertence a uma religião...

O SR. PRESIDENTE — O tempo do aparte de V. Exa. está esgotado, nobre deputado Orlando Zancaner.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Peço permissão para interromper o nobre deputado Orlando Zancaner, a fim de responder.

V. Exa., nobre deputado Orlando Zancaner, tem uma missão difícil: a de ser advogado do padre Baleeiro. É difícil. É impossível, mesmo, diz o nobre deputado Castro Prado. É difícil defender o padre Baleeiro. É difícil defender o Sr. Pereira de Barros. É fácil defender os Srs. Jânio Quadros e Carvalho Pinto. É muito difícil, porém, defender o Sr. Pereira de Barros.

(É dado um aparte anti-regimental).

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Não concedi o aparte a V. Exa. nobre deputado. V. Exa. deve convir em que tenho, sempre que V. Exa. solicita, concedido apartes.

(É dado um aparte anti-regimental).

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Não há necessidade de V. Exa. tumultuar. V. Exa. tornou-se advogado do Diabo. É difícil. Compreendo que é difícil. Então, é preciso gritar, é preciso tumultuar, é preciso confundir.

Mas, nobre deputado Orlando Zancaner, é muito difícil a V. Exa. justificar, perante o povo de Catanduva, de que é V. Exa. brilhante representante nesta Casa, é muito difícil a V. Exa. explicar ao povo de sua terra que votou contra um projeto criando escola em sua cidade. Veja V. Exa. que estou na tribuna defendendo um projeto que não é de minha autoria. Já reclamei a presença do deputado autor deste projeto, o nobre deputado Jamil Dualibi. Estou aqui porque estranho que o Sr. Governador, todos os dias, mande vetos contra instituições de ensino. E os vetos dizem sempre a mesma coisa. Não há nem o cuidado de mudar a argumentação; alega-se que não há professores, prédios, laboratórios nada enfim.

Mas, como não há? Que faz do dinheiro? Do dinheiro, nós sabemos o que ele faz: distribui à falta pelas escolas particulares, e, quem sabe, por aquelas escolas que são dirigidas pelos "colatinhos" da Congregação a que ele pertence.

Concederei agora o aparte ao nobre deputado Fernando Mauro, que já o solicitara anteriormente.

O Sr. Fernando Mauro — Nobre deputado, ansiosamente estava aguardando este aparte há bastante tempo. Solicitava que os Srs. deputados autores de projetos como esse ou qualquer outro, que tivessem contrariado o veto, o defendessem sempre pessoalmente desta tribuna, e defendessem mesmo pelo bom nome desta Casa, mesmo pela independência dos poderes, para que se possa dar a esta Assembleia não só um valor que ela tem como também demonstrar a capacidade de cada um, não só no tocante ao entusiasmo e à obrigação, ao defender o interesse desta ou daquela cidade, desta ou daquela coletividade, desta ou daquela comunidade. E aí, nobre deputado, é que está a corrupção do poder.

O SR. MURILLO SOUSA REIS — Claro.

O Sr. Fernando Mauro — Os Srs. deputados, por interesse próprio, por interesse político, enganam os eleitores, enganam o povo, e enganam a si mesmos, achando que, quando dobrados a favores do Executivo, estão prestando um serviço a São Paulo. Mas lhes falta coragem pública e cívica, e mesmo aquela coragem de representantes do povo, de vir a esta tribuna e contraditar, honestamente, mesmo quando mal informados pelo Executivo.

Mas o que falta nesta Casa é justamente essa independência, a nossa obrigação em criticar o Executivo, criticar honestamente, demonstrar que ele está errado, como está errado neste veto. E demonstrar que está mal assessorado, como aconteceu no veto a projeto beneficiando Tupi Paulista, quando as razões de veto davam Lucélia como a cidade mais próxima de Tupi Paulista. Ora, há uma distância de 172 kms. Entre essas cidades temos Adamantina, Flórida Paulista, Pacaembu, Junqueirópolis, Itapuru, e Dracena. A própria Secretaria da Educação não conhece a corografia do Estado de São Paulo. Desconhece a existência dessas cidades, desconhece o organograma do ensino regional e apresenta razões de veto sem motivos. Despreziosamente, calculo eu que seja por razões de ordem política, por perseguição, por antagonismo, ou então por ignorância